

Narradores no hospício: uma análise de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*

51

Rodrigo Dias¹**Resumo:**

O presente trabalho propõe uma leitura de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* orientada pelo questionamento sobre como a posição dos narradores a respeito do hospício se manifesta nos textos. Por meio das contradições apresentadas por esses narradores, pretende-se observar o papel da escrita para Lima Barreto nesse contexto de internação e o modo como essa experiência é refratada no *corpus* analisado.

Palavras-chave: Lima Barreto. Escrita em contexto de internação. Narrador. *O cemitério dos vivos*. *Diário do hospício*.

Abstract:

This paper aims to accomplish a reading of *Diário do Hospício* and *O Cemitério dos Vivos* oriented by the questioning about how the narrators position concerning the asylum is manifested in the texts. Through the contradictions presented by these narrators, it is intended to observe the role of the writing for Lima Barreto in this internment context and the ways this experience is refracted in the analyzed *corpus*.

Keywords: Lima Barreto. Writing in internment context. Narrator. *O Cemitério dos Vivos*. *Diário do Hospício*.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Considerações iniciais

O *Diário do hospício* consiste em um conjunto de registros realizados por Lima Barreto durante sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, compreendida entre 25 de dezembro de 1919 e 02 de fevereiro de 1920. Conforme entrevista concedida ao periódico *A Folha*, publicada em 31 de janeiro de 1920, essas impressões serviriam de base para a escrita de um livro.

Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O cemitério dos vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas. (BARRETO, 1956, p. 258)

O romance *O cemitério dos vivos*, contudo, ficaria inacabado, tendo apenas o primeiro dos cinco capítulos escritos publicado em vida pelo autor, na *Revista Sousa Cruz* em 1921. Em 1953 são publicados em um volume o *Diário íntimo*, o *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*. Em 1956 são publicados, na obra completa de Lima Barreto, o *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* sozinhos em um mesmo volume, configuração que se estabeleceu para as edições futuras².

No presente trabalho, a análise de *Diário do hospício* e d'*O cemitério dos vivos* é orientada pelo questionamento sobre a posição por vezes cambiante dos narradores a respeito do hospício em ambos os textos, buscando observar-se como se dá a oscilação das vozes narrativas em relação ao hospício, bem como a sua oscilação entre a identificação com a equipe dirigente do hospital e a identificação com os internados. Por meio das contradições apresentadas por esses narradores, pretende-se observar o papel da escrita para Lima Barreto nesse contexto de internação compulsória e o modo como essa experiência é refratada nos textos abordados.

2 A publicação da obra completa de Lima Barreto pela editora Brasiliense foi dirigida pelo pesquisador Francisco de Assis Barbosa, autor de *A vida de Lima Barreto, 1881 – 1922*, biografia que veio a lume em 1952 e contribuiu em grande medida para o reconhecimento, ainda que tardio, do escritor.

O manicômio por entre as linhas do diário e do romance

Em sua *História da loucura*, Michel Foucault reconstituiu o surgimento de diversas instituições de internamento na Europa – hospitais gerais, *workhouses*, casas de correção etc. – que reaproveitaram a estrutura do leprosário, progressivamente tomando seu lugar como espaço de exclusão social, considerando o paulatino desaparecimento da lepra a partir do final da Idade Média. Essas instituições encerravam toda sorte de indivíduos considerados “a-sociais”: pobres, desempregados, doentes venéreos, correccionários e os julgados insanos.

53

Os hospitais gerais não eram necessariamente estabelecimentos médicos, visto que sua função estava mais relacionada à segregação do que à ideia de tratamento. Somente no século XIX, com o desenvolvimento da psiquiatria, a medicina iria reivindicar a insanidade como objeto; ainda assim, o hospício continuará a representar, de acordo com Foucault, um espaço de segregação que cria alienação.

O Hospício Nacional de Alienados, inaugurado em 1852 sob a denominação Hospício de Pedro II, possuía dentre seus internados, à época da internação de Lima Barreto, homens, mulheres e crianças diagnosticados como doentes mentais, contando também com tuberculosos e leprosos. Conforme diagnóstico médico³, Lima Barreto foi internado em 1919 por conta dos delírios decorrentes do consumo excessivo de álcool, sendo levado pela polícia para o Hospício Nacional de Alienados por iniciativa de seu irmão. Nessa internação, o escritor manteve um diário em que registrou apontamentos sobre o hospício e sobre sua experiência, texto cuja multifuncionalidade é destacada por Luciana Hidalgo, configurando uma escrita

[...] que a priori se diferencia no estudo da literatura por sua vocação, justamente, institucional (por ser produzida dentro de uma instituição, em situação de cárcere/internação), mas que se traduz dialeticamente como antídoto à instituição. (HIDALGO, 2008, p.231)

³ Conforme anotações constantes no Livro de Observações do Hospital Nacional de Alienados, transcritas em Barbosa (1975) e em Barreto (1956).

A autora lança mão, ainda, do conceito literatura da urgência, cunhado por ela, que consistiria na literatura que “se formula como uma escrita detonada pela emergência da autoexpressão, de um eu extraviado no limite vida-morte, empenhado em lidar literariamente com a situação emergencial” (HIDALGO, 2008, p. 227). Assim, por meio dessa escrita multifuncional, Lima Barreto resiste aos reveses da internação, atesta sua lucidez e esboça o romance que viria a ter sua produção iniciada após sua alta.

Ao analisarmos o *Diário do hospício*, faz-se necessário observar, primeiramente, a heterogeneidade formal do relato. Os primeiros quatro capítulos apresentam um narrador que podemos aproximar ao autor empírico por meio de índices biográficos, como a referência ao pai, que fora administrador das Colônias de Alienados da Ilha do Governador e se aposentara por insanidade, ou mesmo o reconhecimento de autoria da obra *Vida e morte de Gonzaga de Sá*⁴ por parte do narrador. Entretanto, o quinto capítulo, intitulado “Guardas e enfermeiros” apresenta uma ruptura que instaura um desdobramento da voz narrativa no texto. Após a descrição de alguns internados e alguns membros da equipe dirigente, o narrador expõe um episódio acontecido na seção Pinel, transcrito em parte a seguir:

Estava deitado no dormitório que me tinham marcado e ele [um guarda] chegou à porta e perguntou:

– Quem aí é Tito Flaminio?

– Sou eu, apressei-me.

– O seu S. A. manda dizer que você e sua cama vão para o quarto do doutor Q.

Era este um estudante, que tivera um ataque e vivia no hospital, para curar os efeitos do insulto, que o deixara semiparalítico (BARRETO, 1956, p.66).

Tal ruptura no *Diário* não se resume à revelação do nome do narrador ou à inserção de outros elementos que o distanciam o narrador do autor empírico – como a esposa morta no mesmo capítulo ou a menção ao filho no capítulo sete, haja vista que Lima Barreto nunca se casou ou, a saber, foi pai. Mais do que isso, há um movimento de leitura e reelaboração ficcional do diário dentro do próprio diário. O episódio supracitado em que o narrador é transferido para o quarto do estudante já havia sido relatado, de forma mais sintética e por outro prisma, no primeiro capítulo:

⁴ Lima Barreto publicou *Vida e morte de Gonzaga de Sá* em 1919 pela editora da *Revista do Brasil*.

[...] [o inspetor Santana] deu-me uma cama, numa seção mais razoável, arranjou que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina, Queirós, que um ataque tornara hemiplégico e meio aluado. (BARRETO, 1956, p.37)

Desse modo, podemos considerar a hipótese de que o romance que viria a ser iniciado após a internação já começa a ser esboçado no próprio diário. Apontar essa heterogeneidade narrativa do *Diário do hospício* não implica cindi-lo em uma seção “documental” e em uma seção “fictícia”, mas reconhecer nele a presença de, ao menos, dois níveis de elaboração ficcional da experiência de internamento no texto⁵.

55

Conforme Maurice Blanchot, o diário íntimo “é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante” (BLANCHOT, 2005, p. 270). Entretanto, no caso aqui abordado não temos apenas um diário íntimo, mas um diário composto no hospício. Ainda que o calendário não deixe de ser uma âncora significativa, principalmente no começo do relato, é o hospício enquanto ambiente que assume posição de destaque na organização do texto. O narrador retrata o espaço físico da instituição, suas rotinas, sua equipe dirigente e seus internados, remontando, também, o percurso que o levou à internação.

Essa dinâmica se apresenta já no capítulo inicial do *Diário*, intitulado “O Pavilhão e a Pinel”, que recupera a chegada de Lima Barreto ao hospício. Ao tratar do pavilhão de observações, o narrador descreve sua recepção na instituição nos seguintes termos:

[...] estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia. Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. (BARRETO, 1956, p.33)

5 O último capítulo do *Diário do hospício* apresenta, por sua vez, outro tipo de organização, estruturando-se a partir de apontamentos diversos, em sua maioria bastante sintéticos. Em alguns casos, eles foram desenvolvidos em outros capítulos do diário ou mesmo n’*O cemitério dos vivos*.

No mesmo parágrafo do diário, temos, ainda, o relato da sujeição compulsória do internado à rotina da instituição: “deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria” (BARRETO, 1956, p. 33). Erving Goffman aponta no ensaio “As características das instituições totais” que, logo ao ser admitido em uma dessas instituições⁶, o internado é submetido “a uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado” (GOFFMAN, 1987, p. 24). Assim, o narrador descreve o processo de admissão no hospício dando destaque para essas mutilações do eu representadas aqui pelo despojamento de sua roupa, substituída pelo uniforme desprovido de calçado, e pela sujeição compulsória à rotina da instituição.

No parágrafo seguinte, todavia, encontramos uma posição destoante a essa representação na seguinte frase: “não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida” (BARRETO, 1956, p. 33). O narrador realiza uma mudança de foco, deslocando o incômodo ou a violência do hospício para a polícia. Essa espécie de “absolvição” do hospício e de sua equipe dirigente é algo recorrente no diário, sendo que, ainda no primeiro capítulo, encontramos outro exemplo significativo.

Ao tratar da Pinel, seção da instituição destinada aos indigentes ou a quem não possuía recursos para ser internado nas seções de pensionistas, o narrador aponta, por exemplo, que “o mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par” (BARRETO, 1956, p. 36). Essa breve passagem contrasta com o trecho a seguir, que parte de um elogio à estrutura do hospício para um devaneio lírico por através das grades do manicômio:

[...] o hospício é bem construído e, pelo tempo em que

⁶ Na introdução a *Manicômios, prisões e conventos*, Erving Goffman conceitua instituição total como “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 1987, p. 11).

o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam moças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis. (BARRETO, 1956, p.38)

No segundo capítulo, o hospício é apresentado, inclusive, como um espaço em que o narrador poderia descansar do álcool e dos problemas de sua vida. Esse tipo de contradição presente no *Diário do hospício* também aparece no romance *O cemitério dos vivos*, que retrabalha diversas passagens do diário e amplia a superfície representada do hospício, filtrada pelo olhar do narrador e protagonista Vicente Mascarenhas. Assim, é oportuno trazer o romance para a discussão para observar, por meio do cotejo com o diário, como esses descompassos aparecem em ambos os textos e quais são os matizes que cada um deles apresenta.

O cemitério dos vivos parte da rememoração da morte de Efigênia narrada em primeira pessoa por seu marido, Vicente Mascarenhas, enveredando para uma reconstituição da biografia do personagem e de como ele veio a se casar com a esposa.

O melhor é contar como foi o meu casamento, um pouco da minha vida, para que se possa bem compreender porque esse espetáculo doméstico, em geral de tão pouco alcance, trouxe para mim consequências desenvolvidamente dolorosas, um verdadeiro drama psicológico e moral, que todas as satisfações posteriores não puderam dar termo na minha consciência, nem tampouco o trabalho e o vício. (BARRETO, 1956, pp.122-123)

Este capítulo delinea a armação romanesca que organiza o relato e proporciona densidade aos personagens, com destaque para Vicente, cujos dramas pessoais e familiares começam a ser explorados, tendo por horizonte seu internamento no hospício.

Vicente conheceu Efigênia quando era pensionista no

estabelecimento de dona Clementina, mãe da moça. O rapaz estudava na Escola Politécnica, ainda que a contragosto, visto que o seu esforço em se graduar seria um meio de atender a um capricho de seu pai. Por conta de uma questão de herança, o pai de Mascarenhas “dera uns tiros” em um sobrinho, formado engenheiro na Bélgica ou nos Estados Unidos. O “doutor belga” tratava o tio com desprezo por conta de seus traços, que evidenciavam sua ascendência negra, enquanto ele, apesar de também partilhá-la, não exibia traços fenotípicos que a explicitassem – possuía “cabelo liso e cor de fogo”, segundo o narrador. Ainda que nenhum dos tiros tenha acertado o alvo, o pai de Vicente passou um ano na cadeia e sofreu o suplício moral do júri.

Esse evento serve de base para uma das questões centrais para o narrador de *O cemitério dos vivos*, qual seja, o exame da certeza da ciência e, de forma mais específica, dos limites da hereditariedade. Na adolescência, Vicente leu uma defesa de júri em que um advogado buscava justificar o crime do acusado com base no peso “da tara paterna”:

Seu pai era um alcoólico, rixento, mais de uma vez foi processado por ferimentos graves e leves. O povo diz: tal pai, tal filho; a ciência moderna também [...] Esse fraseado de advogado, que mais acima citei, jamais me saiu da memória. De mim para mim pensei: se um simples bêbedo pode gerar um assassino; um quase-assassino (meu pai) bem é capaz de dar origem a um bandido (eu). Assustava-me e revoltava-me. Seria possível que a ciência tal dissesse? Não era possível. Havia ali, por força, uma ilusão científica, um exagero, senão uma verdadeira imperfeição; e o meu pensamento de menino foi estudá-la, mas bem depressa, depois que a frequência das prédicas positivistas deram-me por negação, algumas vistas sobre as bases metafísicas das ciências, planejei estudá-las, decompô-las e marcar o grau de exatidão dos seus métodos, a sua conexão com o real, a deformação que ele trazia ao que passava de fato bruto para o dado na teoria científica; havia de aquilatar a colaboração da fatalidade da nossa inteligência nas leis, na contingência delas, as ideias primeiras – todo um programa de alta filosofia, de alta lógica e metafísica eu esboçava nas voltas com o cálculo de “pi”. (BARRETO, 1956, pp.126-127)

Posto isso, Vicente iria se dividir, inicialmente, entre dois projetos: por um lado, tentaria se formar engenheiro para satisfazer o desejo do pai, já então falecido; por outro lado, estudaria a filosofia e a ciência conforme um programa desenvolvido por ele. Todavia, o primeiro projeto seria abandonado e o segundo seria deixado em

suspensão; por conta de sua relação com Efigênia, que nutria entusiasmo pela literatura, Vicente voltou a ler textos literários e também começou a escrever. Somente após a morte da esposa a ideia de seu projeto filosófico viria a ser retomada.

Enquanto o primeiro capítulo expõe os alicerces do romance, recompondo a trajetória de Vicente desde a vida em família, passando pelo contato com Efigênia e terminando com o aceite do pedido de casamento feito pela jovem, o segundo capítulo abre com a brusca notícia da chegada de Vicente ao hospício. Chegando ao pavilhão, o personagem veste as roupas da instituição, faz uma refeição e é metido num quarto-forte com mais três internados. Essa experiência de reclusão é retratada em um tom que oscila entre o quase jocoso, empregado na descrição das manias dos internados, e o dramático, quando o narrador percebe o nível de degradação a que estava sendo submetido em contraste com seus planos grandiosos de outrora.

A ocasião do banho, que no *Diário do hospício* é representada somente enquanto lembrança de internação anterior, é aqui retrabalhada como experiência da internação relatada. Entretanto, há um deslocamento do posicionamento do narrador: se no diário o ato de tomar banho nu, em público, é marcado somente pelo signo da degradação moral, no romance ele apresenta um lado positivo que quebra, ao menos em parte, a expectativa de Vicente – e, possivelmente, do leitor:

[...] quis ver se o guarda me dispensava, não pelo banho em si, mas por aquela nudez desavergonhada que me repugnava, tanto mais que até de outras dependências me parecia que nos viam. Ele, com os melhores modos, não me dispensou, e não tive remédio: pus-me nu também. Lembrei-me um pouco de Dostoiévski, no célebre banho da *Casa dos mortos*; mas não havia nada de parecido. Tudo estava limpo e o espetáculo era inocente, de uma traquinada de colegiais que ajustaram tomar banho em comum. As duchas, principalmente as de chicote, deram-me um prazer imenso e, se fora rico, havia de tê-las em casa. Fazem-me saudades do pavilhão [...]. (BARRETO, 1956, pp.156-157)

Por mais breve que seja, a possibilidade de sentir saudade de algo no hospício é curiosa, mesmo que afirmada a partir da posição temporalmente distanciada que o narrador ocupa, visto que o romance é construído enquanto rememoração de acontecimentos ocorridos separados do presente por um hiato de tempo não precisado. Contudo,

essa postura “pacífica” em relação ao hospício é rara no relato, tendo por principais exceções a relação positiva do narrador com alguns dos funcionários da instituição, sobretudo enfermeiros e guardas.

A estrutura física do hospício, por exemplo, é caracterizada com tintas mais pesadas no romance. O trecho que apontava, no *Diário*, para a “pobreza sem par” do mobiliário, das camas e do vestuário das camas reaparece complementado imediatamente pelos seguintes elementos:

[...] o acúmulo dos doentes, o sombrio da dependência que fica no andar térreo e o pátio interno é quase ocupado pelo pavilhão das latrinas de ambos os andares – tirando-lhe a luz, tudo isso lhe dá má atmosfera de hospital, de emanações de desinfetantes, uma morrinha terrível. (BARRETO, 1956, p.179)

60

O que antes era elogiado, agora é relativizado; conforme o narrador, o “hospício é bem construído e seria adequado, se não tivesse quatro vezes o número de doentes para que foi planejado” (BARRETO, 1956, p. 188). A paisagem da enseada de Botafogo, que no *Diário* servia de consolo, intensifica a sensação de solidão n’*O cemitério dos vivos*:

[...] com o ar azul da enseada de Botafogo, para quem olha, devia ser um alegre retiro, tivesse ele outro destino; mas a beleza do local pouco deve consolar, apreciada através das grades, da triste condição em que se está, torvo o ambiente moral em que ali se respira. A beleza da natureza faz mais triste a quem tem consciência do lugar em que está e, olhando-a com os olhos tristes, ao amanhecer, a impressão que se tem é que não se pode mais sonhar felicidade diante das belas paisagens e das belas coisas [...]. (BARRETO, 1956, p.189)

Seguindo por essa senda, cabe investigar também as oscilações das vozes narrativas no que se refere às dinâmicas de identificação e não identificação com os outros indivíduos que vivem o contexto do hospício.

A população do hospício diagnosticada pelos narradores

Além da possibilidade de tentar afirmar sua sanidade a partir da representação literária de suas experiências, os narradores do *Diário do hospício* e d’*O cemitério dos vivos* buscam operar um distanciamento analítico por meio do qual eles diagnosticam os outros indivíduos que circulam no hospício – internados e equipe dirigente. Esse movimento

parece forçoso, como podemos ver na seguinte passagem do *Diário*: “tenho que falar dos doentes em cuja companhia estou, dos guardas, dos enfermeiros, mas preciso tratar com mais detalhe e já me cansa o escrever estas notas” (BARRETO, 1956, p. 45). Os diagnósticos são os mais diversos, embora o narrador creia impossível classificar os indivíduos de uma forma definitiva ou generalizada. Segundo ele, há “casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só” (BARRETO, 1956, p. 53).

A seguinte passagem ilustra esse procedimento analítico realizado pelo narrador de *Diário do hospício*:

61

É um louco clássico, com delírio de perseguição e grandeza. É um homem inteligente, mas com cultura elementar, e o seu delírio, desde que não se o interroge pela base, parece à primeira vista a mais pura verdade. No começo, ele me enganou; e julguei certo tudo o que dizia, mas, por fim, ele me revelou toda a sua psicose. Por me parecer interessante, eu vou reproduzir as histórias que ele me contou, procurando não quebrar a lógica mórbida com a qual as articulava. Ele é de Sergipe e chama-se V. de O. (BARRETO, 1956, pp.56-57)

Conforme o narrador, a relação dos outros internados para com ele era afetuosa e respeitosa, apesar de eles não o deixarem sossegar. A possibilidade de uma conversa que não caísse no disparate, contudo, era quase nula, sendo que, em um apontamento, o narrador comenta que os outros internados o irritavam e o aborreciam. “Esqueço de que são loucos e dá-me vontade de vociferar. Vou pedir alta, para não dar essa demonstração de loucura” (BARRETO, 1956, p. 115).

Esse “esquecimento” pode funcionar como índice da situação liminar vivida pelo narrador, rodeado por indivíduos com quem não consegue estabelecer uma relação de alteridade, mas submetido a um tratamento similar e sendo subordinado às mesmas regras de conduta.

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras — mas que sombras, que espíritos?! As que cercavam Dante tinham em comum o *stock* de ideias indispensável para compreendê-lo; estas não têm mais um para me compreender, parecendo que têm um outro diferente, se tiverem algum. (BARRETO, 1956, p.46)

Entretanto, se na maioria das vezes o narrador do *Diário* mantém uma ótica distante ao se referir aos outros internados, em um caso ele parece não conseguir estabelecer esse distanciamento. O episódio em questão é o do internado alcoolista que sobe ao telhado da rouparia e arremessa telhas para a rua, tendo como público uma pequena multidão de curiosos, tanto do lado de fora dos muros do hospício como do lado de dentro. Esse acontecimento é representado duas vezes no *Diário do hospício*; no capítulo sete, o narrador dá um tratamento mais factual à cena, descrevendo-a com minúcia, enquanto no capítulo dez ele parece demonstrar de forma mais intensa a maneira como o episódio o afetou, conforme podemos observar no trecho a seguir:

[...] está seminu e, apesar de saber perfeitamente que está tomado de loucura alcoólica, de pé, na cumeeira do pavilhão, destinado à rouparia, como que vi, naquele desgraçado, a imagem da revolta.

Esse acontecimento causa-me apreensões e terror. A natureza deles. Espelho. (BARRETO, 1956, p.104)

O terror que acomete o narrador parece estar fundado no medo de reconhecer-se no outro, de estabelecer uma relação de alteridade com um homem que perdeu o controle. O encadeamento entre as duas frases finais do trecho citado – “a natureza deles” e “espelho” –, pode sinalizar esse medo da queda na insanidade, contando não só com o reconhecimento da “loucura alcoólica” como uma experiência já vivenciada, mas também com um possível medo da nudez e da exposição pública. Ao longo da obra percebemos o incômodo e o pudor do narrador em relação à nudez dos internados e à sua própria quando forçado a tomar banho em público. Após um dos relatos de suas andanças ébrias, em que, mais de uma vez fora roubado, comenta: “tenho vergonha de contar algumas dessas aventuras, em que felizmente ainda me deixaram com roupa” (BARRETO, 1956, p. 50). Assim, é possível pensar que a visão desse homem no telhado representaria para o narrador, em algum nível, uma imagem especular em que ele poderia ver-se despido da capacidade de exercer sua racionalidade.

Se em relação aos internados o narrador busca se distanciar por meio do diagnóstico, para com os funcionários ele parece buscar estabelecer relações de alteridade. Essa dinâmica parece funcionar como uma espécie de âncora que auxilia o narrador a situar-se em uma

esfera de sanidade. Um exemplo que ilustra esse mecanismo narrativo pode ser visto quando ele comenta no *Diário* o ofício de Dias, inspetor da seção dos pensionistas:

Dias, desde esse tempo [os anos 1890, quando era enfermeiro-mor da Colônia Conde de Mesquita], e parece que já mesmo antes, nunca largou esse ofício de pajear malucos. Não é dos mais agradáveis e é preciso, além de paciência e resignação para aturá-los, uma abdicação de tudo aquilo que faz o encanto da vida de todo homem. (BARRETO, 1956, p.42)

Assim como ocorre em relação a Dias, essa simpatia se estende aos demais enfermeiros e guardas, com algumas exceções para os que, pela ótica do narrador, eram arrogantes ou presumidos, e para os enfermeiros particulares. Todavia, mesmo no caso dos particulares, cuja casta “não prestaria”, o narrador modaliza seu discurso logo a seguir, retificando a generalização:

Os enfermeiros, na seção em que estou, são em geral bons. Há, porém, uma casta deles que não presta. São os tais particulares. Estes são aqueles que os doentes abastados das primeiras classes são autorizados a trazer. Nem todos são assim, mas com dois eu implico solenemente; e me fazem lembrar a insolência do Bragança do pavilhão, que tem as costas quentes, por causa da proteção que lhe dispensa o poeta épico da Psiquiatria, H. R. [Henrique Roxo]. (BARRETO, 1956, pp.64-65)

Demonstrando simpatia pelos guardas e enfermeiros e admirando a maneira como desempenhavam seu ofício, ambos os narradores reforçam a distinção entre si e os “loucos”, que são os outros, cuidados e vigiados por enfermeiros e guardas, diagnosticados por médicos e analisados pelo narrador. Por meio do estudo do outro, os narradores se despem do papel de internado e retomam o papel de escritor, servindo-se dos outros internados, da equipe dirigente e do hospício como objeto e matéria literária.

Em relação aos médicos, contudo, os narradores se posicionam de forma mais crítica, principalmente no que concerne aos métodos por eles empregados. A respeito de Henrique Roxo, psiquiatra que o examinou no pavilhão de observações e determinou sua internação, o narrador do *Diário do hospício* aponta o seguinte:

Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério — que mistério! — que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele. (BARRETO, 1956, p.35)

Ele ainda afirma que uma das justificativas para sua transferência para a seção dos pensionistas, possibilitada por Juliano Moreira, diretor do hospício, foi o medo que um alienista da Pinel lhe suscitava:

Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoado do que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraitre*, das últimas criações científicas ou que outro nome tenham. (BARRETO, 1956, p.43)

Vicente Mascarenhas, narrador de *O cemitério dos vivos*, acrescenta ainda outro nível a essa crítica à medicina e à ciência. Desde sua infância, a concepção de que a hereditariedade fosse um elemento determinante na formação do caráter dos indivíduos inspirava-lhe inquietação, principalmente por conta do medo de que o legado do pai “quase assassino” o afetasse e, mais tarde, quando pai, que o seu alcoolismo tivesse afetado seu filho, que já passava dos dez anos e não aprendia a ler, por mais que Vicente se esforçasse em estimulá-lo. Segundo o narrador,

[...] apela-se para a hereditariedade que tanto pode ser causa nestes como naqueles; e que, se ela fosse exercer tão despoticamente o seu poder, não haveria um só homem de juízo, na terra. É bastante pensar que nós somos como herdeiros de milhares de avós, em cada um de nós se vem encontrar o sangue, as taras deles; por força que, em tal multidão, há de haver *detraqués*, viciosos, etc., portanto a hereditariedade não há de pesar só sobre este e sobre aquele, cujos antecedentes são conhecidos, mas sobre todos nós homens. Por ser remota? Mas as forças da natureza não contam o tempo; e, às vezes mesmo, as mais poderosas só se fazem notar quando se exercem lentamente, durante séculos e séculos.

A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez seja pouco lógica. (BARRETO, 1956, pp.186-187)

Ainda que assuma não ter competência para tratar de tal assunto, Vicente levanta a hipótese de a autossugestão ou a imitação possuírem alguma influência nos casos de insanidade. Para ilustrar essa hipótese, ele conta o caso de um barbeiro português que costumava ser chamado por seus clientes de Francisco I, Imperador da Áustria, por conta da semelhança física. Segundo Misael, internado que não possuía vestígios de loucura, nem mesmo a alcoólica ou tóxica, o barbeiro teria se convencido de sua identidade imperial e, por conta disso, acabou parando no hospício.

Além disso, não podemos perder de vista que a crítica à interpretação da hereditariedade como fator determinante na constituição biológica e moral dos indivíduos era uma questão premente para Lima Barreto, escritor negro engajado na luta contra o racismo, tendo em vista que a eugenia ganhava cada vez mais espaço no meio médico e em outros segmentos da intelectualidade brasileira. Assim, observamos nas obras uma oposição enfática dos narradores contra as certezas da ciência e seu despotismo em relação ao corpo social e aos corpos dos indivíduos.

Considerações finais

Ao longo desta leitura foram destacados os movimentos de oscilação realizados pelos narradores de *Diário do hospício* e de *O cemitério dos vivos*, tanto em relação ao hospício, quanto em relação aos indivíduos que por ele circulavam. As aparentes contradições decorrentes dessa oscilação não diluem, contudo, as críticas realizadas contra a instituição e seus métodos, mas sinalizam o entrelugar em que o escritor estava situado e a maneira como essa posição liminar é refratada nos textos. Parece haver nas obras um esforço em demonstrar, por meio dos narradores, um distanciamento em relação ao hospício e sua população, que estaria a serviço de garantir credibilidade ao testemunho, ao mesmo tempo em que esse distanciamento se mostra impossível de ser levado a cabo por conta da situação limite experienciada e representada.

A respeito do *Diário do hospício*, Luciana Hidalgo afirma que “o diário reflete a explanação de defesa de um réu isolado diante do tribunal social, provavelmente em busca de uma auto-absolvição. Na condição de interno, o escritor não era ouvido em suas indagações existenciais” (HIDALGO, 2008, p. 228). Assim, a escrita apresenta, dentre suas várias funções, uma busca pela reconquista do papel de escritor, que implica uma possibilidade de voz e agência que não é facultada pelo papel de interno, que caracteriza o indivíduo como objeto de tratamento e vigilância e não como sujeito.

N’*O cemitério dos vivos* podemos entrever uma continuidade desse processo através da reconfiguração do *Diário* na forma romanesca. A construção ficcional do personagem Vicente Mascarenhas duplica e aprofunda a tensão entre o distanciamento analítico e sua impossibilidade de realização: há um ganho de elaboração ficcional na construção da biografia de Vicente, organizada em detrimento das questões a serem discutidas no romance, sem que haja prejuízo das marcas da experiência vivida por conta da manutenção da primeira pessoa e do aspecto memorialístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto, 1881 – 1922*, 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975.

BARRETO, Afonso Henriques Lima. *O cemitério dos vivos: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na Idade Clássica*. 9ª ed. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 2ª ed. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HIDALGO, Luciana. A loucura e a urgência da escrita. *Alea*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 2, pp. 212-226, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000200005>>. Acesso em: 10 jan. 2017.